

**“SE VOCÊ FEZ UM BOM TRABALHO, É COMO SE VOCÊ NUNCA TIVESSE
EXISTIDO”:
SOBRE TRADUTORES E TRADUÇÃO EM PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO
NO SAHEL¹**

Emma Heywood²

Sue-Ann Harding³

Tradução de Rayane Ramos Nunes

Resumo: A tradução é uma ferramenta essencial e amplamente utilizada em projetos de pesquisa e de desenvolvimento, mas, ainda assim, é frequentemente deixada de lado e vista como algo insignificante ou secundário no projeto inicial. Isso frequentemente gera suposições sobre as tarefas de tradução, tanto pelo tradutor quanto pelo usuário final ou por quem a encomenda. Abordando a falta de consciência e os mal-entendidos a respeito do resultado da tradução, analisaremos os processos que ocorrem durante a tarefa quando as traduções são encomendadas. O trabalho tem base em dados empíricos de um projeto de desenvolvimento da rádio de uma ONG no Sahel, na África e inclui entrevistas semiestruturadas com tradutores que trabalham das línguas fula, tamasheq e zarma-songhai para o francês, cujas respostas foram classificadas em quatro grupos: identidade; agência tradutória; conhecimento do texto fonte; e processo de transcrição/tradução. Contribuindo para estudos de tradução (ET) e estudos de desenvolvimento, o artigo fornece recomendações para superar o desprezo em relação à tradução e para incentivar que a tradução seja considerada como um elemento essencial de projetos de desenvolvimento e de pesquisa.

Palavras-chave: rádio comunitária; pesquisa intercultural; Sahel; transcrição; processo tradutório; empoderamento feminino.

1. Introdução

A tradução é uma ferramenta essencial e amplamente utilizada em trabalhos de pesquisa e de desenvolvimento intercultural, ainda assim é frequentemente deixada de lado e vista como algo insignificante ou secundário no projeto inicial. Avaliando o papel da tradução em estudos de campo, este artigo baseia-se em um projeto maior, o *femmpowermentAfrique* [empoderamento feminino na África], que avalia o impacto do rádio nos direitos e no empoderamento feminino no Níger, no Mali e em Burkina Faso.⁴ Essa avaliação de impactos foi solicitada por duas agências de desenvolvimento de mídia sem fins lucrativos: a Fondation

¹ O artigo em língua inglesa (“If you’ve done a good job, it’s as if you’ve never existed”: Translators on translation in development projects in the Sahel) foi publicado na revista *Translation Studies* em 2020.

² Professora do Department of Journalism Studies da University of Sheffield. <http://orcid.org/0000-0002-6548-6713>

³ Professora no Centre for Translation and Interpreting, School of Arts, English and Languages da Queen’s University Belfast. <https://orcid.org/0000-0002-7662-7649>

⁴ O projeto foi parcialmente financiado pelo ESRC, pelo UKRI e pela universidade de Sheffield. Para mais informações sobre o projeto, acesse <https://www.femmpowermentafrique.com/>.

Hirondelle, com sede na Suíça, e a International Media Support (IMS), com sede na Dinamarca; ambas buscam fornecer informações independentes às comunidades e principalmente às mulheres em regiões afetadas por conflitos e crises. Os dados para a avaliação de impacto vêm de uma série de grupos focais, de workshops de troca de conhecimentos, de entrevistas semiestruturadas e da análise detalhada do conteúdo de amostras de produção de rádio. Usando o programa *Nvivo*, a pesquisa avalia a positividade e a negatividade de termos e frases isolados, o uso de estereótipos, as referências geográficas, a proporção de tempo de rádio para vozes masculinas e femininas, os assuntos em destaque e os negligenciados e assim por diante.

Embora a Fondation Hirondelle e a IMS tenham objetivos parecidos, elas usam modelos de transmissão diferentes. A Fondation Hirondelle opera estúdios nas capitais (nesse caso, o Studio Kalangou em Niamei, capital do Níger e o Studio Tamani em Bamako, capital do Mali) que transmitem notícias e programas de debate. Esses programas são transmitidos via satélite para rádios parceiras (comerciais ou comunitárias) localizadas em todo o país, que então fazem a retransmissão local usando redes FM. Os estúdios recorrem a correspondentes locais como forma de atenuar esse modelo “de cima para baixo”. Com um modelo diferente, em vez de produzir programas de cada capital e retransmiti-los para as regiões, o Sahel Programme da IMS (2018-2021) opera na área de fronteira conflituosa entre Mali, Burkina Faso e Níger (IMS, s.d.) e trabalha com grupos de escuta de mulheres que são associados às estações de rádio locais para produzir um conteúdo local. Como esses grupos de escuta incluem pessoas familiarizadas com as questões locais, eles podem determinar tópicos de interesse regional e trabalhar com as estações locais de rádio para produzir programas relevantes para seu público. A IMS também fornece conteúdo e treinamento jornalístico para os grupos de escuta e para as estações de rádio, a fim de estimular a oferta de rádios comunitárias e fortalecer a voz das mulheres nas rádios locais e na sociedade.

Todo o material coletado da Fondation Hirondelle está em francês — língua oficial nos três países e, como resultado do passado colonial, língua do governo, dos negócios, da mídia e das escolas — e está sendo transcrito e analisado como textos franceses. O material da IMS, no entanto, está em três idiomas diferentes que possuem diferentes status como idiomas oficiais ou nacionais. Tamasheq é a língua dos tuaregues, falada principalmente no Mali, mas também cada vez mais no Níger e em Burkina Faso.⁵ Fula é um grande contínuo dialetal que possui muitos nomes como fulfulde, fulani, peul e pular e é amplamente utilizado

⁵ Para mais informações sobre a diversidade do tamasheq, veja Heath (2005).

em todo Sahel e na África Ocidental pelo povo fula (BREEDVELD, 2009). Zarma é uma das línguas songhai e é a língua nativa mais falada no Níger (BORNAND, 2006; HAMANI, 1982).

Por conta da falta de conhecimento prático do *femmpowermentAfrique* nesses idiomas, o conteúdo da IMS precisou ser traduzido para o francês — idioma de trabalho do projeto — antes de ser analisado. As traduções foram encomendadas e realizadas por tradutores locais e os processos que ocorreram durante sua realização — do texto oral para o texto escrito e, em seguida, do zarma-songhai, da fula e do tamasheq para o francês — é que serão o foco da análise do papel da tradução em um projeto de desenvolvimento e, conseqüentemente, foco deste artigo. Com base em dados empíricos, o artigo contribui para os estudos de tradução (ET) ao ampliar o escopo das práticas de tradução e o conjunto de línguas pesquisadas; ele também traz exemplos específicos e reais dessas práticas de tradução e dessas línguas em regiões que permanecem pouco pesquisadas e pouco representadas na área. Além disso, o artigo traz uma contribuição para os estudos de desenvolvimento ao fornecer recomendações práticas para a implementação de mudanças a fim de superar o menosprezo em relação à tradução e encorajar que seja considerada um elemento central em projetos de desenvolvimento.

Começaremos situando o projeto em relação ao empoderamento feminino, à rádio e ao multilinguismo na região do Sahel. Em seguida, discutiremos a importância mútua da tradução para os estudos de desenvolvimento e dos estudos de desenvolvimento para os estudos de tradução. Após a apresentação da metodologia, onde serão exibidas nossas três perguntas de pesquisa, faremos a análise e discussão dos dados em torno dos quatro temas de entrevista: a percepção do tradutor sobre (a) seu papel e sua identidade; (b) o texto de partida; (c) sua própria agência; e (d) os processos realizados durante a tarefa. Os resultados serão então discutidos em forma de recomendações para aqueles que trabalharem em futuros projetos de pesquisa e de desenvolvimento interculturais.

2. Empoderamento feminino, rádio e multilinguismo na região do Sahel

Analisar o impacto de quaisquer atividades que visem o empoderamento feminino é essencial, ainda mais no Sahel, onde há grande desigualdade de gênero. Em todos os três países estudados, há altas taxas de casamento infantil (UNFPA, 2012), altos níveis de analfabetismo e baixas taxas de conclusão escolar entre mulheres (SAVE THE CHILDREN, 2016), além da poligamia generalizada. Nestes países há também muita violência contra

mulheres, a mutilação genital feminina (MGF) é algo comum (THOMSON REUTERS FOUNDATION, 2018) e as mulheres não possuem o mesmo status legal que os homens. Apesar de possuírem liberdade de ação em alguns setores da sociedade, as mulheres continuam sem poder e precisam de mais informações sobre seus direitos para que tenham uma maior voz na sociedade (HEYWOOD; TOMLINSON, 2019).

O rádio continua sendo uma das principais fontes de informação à disposição das mulheres enquanto grupo marginalizado. Como um meio secundário (BERLAND, 1990; CHIGNELL, 2009; FLEMING, 2002), o rádio chega às mulheres que fazem tarefas domésticas — com as quais elas normalmente estão comprometidas em sociedades patriarcais e tradicionais —, é um meio barato e é facilmente acessado através do telefone móvel (HEYWOOD, 2018). O rádio também tem a vantagem sociocultural de conseguir atingir comunidades analfabetas e com uma cultura majoritariamente oral onde se falam diversas línguas vernáculas. Isso é particularmente importante em muitos países da África e é uma ferramenta de valor inestimável para promover o poder das tradições orais, que prevalecem entre muitas comunidades (GIRARD, 2007; JALLOV, 2011).

Existem diversas línguas nacionais e muitas são reconhecidas oficialmente. O Níger, por exemplo, tem onze línguas oficiais, o Mali tem treze e Burkina Faso tem oito (IDA, 2015; PANIS, 2017). Existem ainda mais línguas locais (cerca de 70 em Burkina Faso), e muitas são étnica e linguisticamente muito relacionadas.⁶ Como afirma Skattum, determinar o número exato de línguas locais na região é difícil por conta da falta de pesquisas, das migrações, dos dialetos, do multilinguismo e da substituição linguística (2008, p. 104). A situação se torna mais complexa porque a língua mais utilizada por uma pessoa em seu local de trabalho, por exemplo, muitas vezes é diferente da sua língua materna. A educação formal é amplamente ministrada em francês, mas como apenas uma pequena porcentagem da população frequenta a escola, um número igualmente pequeno de pessoas fala francês apesar de ser a língua oficial (13% no Níger, 17% no Mali e 24% em Burkina Faso (OIF, 2019)).

3. A tradução e os tradutores nos estudos de desenvolvimento

Nos estudos de desenvolvimento, a tradução — muitas vezes entendida como algo que engloba diferentes formas e combinações de tradução escrita, interpretação oral e mediação intercultural — é frequentemente vista como uma tarefa administrativa que ocorre após a

⁶ Para ver listas das línguas e etnias de cada país veja o Ethnologue: Languages of the World. <https://www.ethnologue.com/> (Acessado em 26 de abril de 2019)

produção dos textos e que recebe pouco tempo e poucos recursos nas solicitações de bolsa e nos orçamentos de pesquisas. Isso foi confirmado pelo projeto *The Listening Zones of NGOs*, a primeira grande pesquisa sobre o papel das línguas, o conhecimento cultural e a tradução em programas de desenvolvimento. Algumas das conclusões dessa pesquisa foram que: (a) “as línguas geralmente são pouco priorizadas nos trabalhos de desenvolvimento”; (b) “elas geralmente não são incluídas no ciclo de desenvolvimento, nem no orçamento inicial”; (c) “em geral, a necessidade de tradução dentro de projetos de desenvolvimento é percebida apenas tardiamente; e (d) “discussões sobre a sustentabilidade e o apoio à capacidade local raramente incluem construir e fomentar o potencial linguístico das comunidades” (FOOTITT; CRACK; TESSEUR, 2018, p. 4-7). Outras descobertas importantes foram que: (e) “dar especial atenção às línguas contribui para que o desenvolvimento seja bem-sucedido”; (f) que “a não integração das línguas nas iniciativas de desenvolvimento leva à exclusão de certos grupos”; e que (g) “a ‘intraduzibilidade mútua de conceitos’ era algo comum (FOOTITT; CRACK; TESSEUR, 2018, p. 5).

As evidências mostram uma consciência crescente dos profissionais e acadêmicos sobre a importância da tradução para pesquisas interculturais (veja, por exemplo, FLORO; KOMATSU, 2011; MACLEAN, 2007; TEMPLE; EDWARDS, 2002), de desenvolvimento e de ajuda humanitária (CORNWALL; EADE, 2010; CRACK, 2019; FEDERICI et al, 2019; FOOTITT, 2017; POWELL, 2006; TESSEUR, 2017; 2018). Observa-se também um crescimento na literatura sobre tradução cultural e “vernacularização” de conceitos em contextos “locais” e “globais” (LEVITT; MERRY, 2009; 2011; 2006; ØSTEBØ, 2015; UNNITHAN; HEITMEYER, 2014). O projeto *The Listening Zones* divulga práticas inovadoras na área (FOOTITT; CRACK; TESSEUR, 2018, p. 28–31), como por exemplo workshops de tradução colaborativos e participativos; o uso de retrotradução para garantir a consistência entre os idiomas; e o desenvolvimento de planos de comunicação, de glossários⁷ e de manuais que levam em conta os idiomas locais e as necessidades de tradução. No entanto, as pesquisas empíricas e teóricas sobre os processos de tradução necessários para o planejamento, a entrega, a avaliação e o relatório de projetos de desenvolvimento ainda são escassas. Da mesma forma, a identidade, o trabalho diário e a agência dos próprios tradutores também permanecem pouco estudados (no entanto, veja LUCHNER; KHERBICHE, 2018;

⁷ Um exemplo de bom uso de glossários foi o da Fondation Hironnelle durante as eleições de 2006 na República Democrática do Congo. A rádio Okapi produziu glossários para jornalistas para garantir consistência no uso de termos eleitorais nas cinco línguas da rádio. No entanto, isso não ocorreu durante as eleições seguintes (VUILLEMIN, comunicação pessoal, Nova York, março de 2019).

LUCHNER, 2018; WRIGHT, 2018).

Quando discutida nos estudos de desenvolvimento, a tradução é frequentemente utilizada de forma metafórica. Algumas formas de tradução abordadas são: a tradução como negociação entre duas partes (LEWIS; MOSSE, 2006), a tradução de pesquisa em política e de política em prática, as diferentes interpretações de objetivos e ideias através das diferentes camadas de uma organização, a tradução de valores (frequentemente ocidentais) para novos contextos/novos sistemas de valores, etc. Tais temas são comuns e muitas vezes apresentados no indesejado espectro das “perdas na tradução”. Embora conceitos figurativos mais amplos da tradução sejam cada vez mais aceitos e explorados nos ET, seu uso nos estudos de desenvolvimento pode acabar deixando de lado a tradução inter e intralingual como partes integrais dessas traduções e interpretações definidas de forma mais ampla.

Esta noção ampla e metafórica de tradução é, no entanto, relevante para nosso estudo, onde nós (e a Fondation Hironnelle e o IMS) estamos interessados em como as avaliações de impacto dão feedback tanto para provedores de conteúdo de rádio como para gerentes de projeto e doadores. Supõe-se que traduzir os resultados dos grupos focais em políticas e práticas de rádio se traduzirá, por sua vez, em mudanças sociais e políticas. Parece ser claro que a tradução intralingual (de gravações orais para textos escritos) e a tradução interlingual (das línguas fula, tamasheq e zarma-songhai para o francês; e do francês para fula, tamasheq e zarma-songhai) são elementos essenciais e necessários para que as traduções metafóricas de mudança possam ocorrer. Ainda assim, durante a encomenda da avaliação de impacto e durante a elaboração e entrega dessa avaliação, presumem-se como certos os processos de tradução e os contextos comunicativos, que envolvem recursos e pessoas reais, incluindo transcritores-tradutores. Mesmo quando a questão da tradução interlingual é problematizada (a IMS comentou que a tradução necessária seria “difícil” e o processo “complicado”) e os orçamentos são alocados para a tradução, os aspectos práticos de encontrar tradutores (competentes? Treinados? Apropriados? Disponíveis? Confiáveis? Suficientes?) e negociar taxas justas, geralmente por meio de um intermediário, pode ser, como no nosso caso, desafiador. Além disso, torna-se crucial que as instruções sejam claras e detalhadas, para que as expectativas da(s) ONG(s), do(s) pesquisador(es), agente(s) e tradutor(es) sejam comunicadas com sucesso de ponta a ponta na rede de trabalho.

4. Estudos de desenvolvimento e de tradução

O papel da tradução nas pesquisas interculturais e de desenvolvimento é

frequentemente invisível, e da mesma forma, ele também não é contabilizado, é subteorizado, e recebe pouca atenção dos estudiosos dos ET. Mesmo com a área se tornando cada vez mais diversificada e internacionalizada, ela permanece dominada por um conjunto relativamente pequeno de combinações de línguas e perspectivas teóricas. Estudar as práticas de tradução que ocorrem neste projeto de desenvolvimento nos permite focar no papel da tradução — que é geralmente esquecido — e também considerar (pela primeira vez, pelo que sabemos) a tradução que ocorre entre idiomas, por pessoas, em lugares e para fins pouco representados nos ET.

Além do trabalho realizado pelo projeto *The Listening Zones*, a monografia de Kobus Marais (2014) é, até agora, a tentativa mais significativa de unir os estudos de tradução e de desenvolvimento como meio de abordar os pontos cegos em torno do desenvolvimento e da comunicação interlingual e intercultural, comuns a ambas as disciplinas. O objetivo de Marais "é definir um plano ou uma estrutura para trabalhos futuros" (2014, p. 120), e nossa pesquisa responde ao seu apelo para "que os estudiosos da tradução [...] trabalhem de forma empírica para rastrear e explicar as interfaces das ações tradutórias e de desenvolvimento" (p. 144). Nosso estudo também responde ao apelo de Marais para que se leve em conta a economia informal (OIT, 2018) e os modos alternativos e diversos de agência que diferem das noções mais tradicionais de ativismo político. Concordamos que esses contextos, apesar de sua difusão global, "não estavam ao alcance dos estudiosos de tradução". Assim, não apenas altera "a imagem que temos da tradução", mas também altera a imagem "dos países desenvolvidos" (2014, p. 145) Para ampliar a agenda, Marais, pergunta:

Sabemos o papel da tradução no desenvolvimento? Sabemos quais textos estão sendo traduzidos? Sabemos como as pessoas se comunicam em projetos de desenvolvimento onde várias culturas, valores e idiomas se encontram? Sabemos o que acontece na tradução oral nos projetos de desenvolvimento? Sabemos como os contextos de desenvolvimento limitam os tradutores e suas traduções? E, finalmente, podemos saber essas coisas? Como podemos conhecê-las? (2014, p. 145)

Marais tenta responder a essas perguntas. Ele associa análise textual com dados empíricos de entrevistas e com observações etnográficas de vários locais da África do Sul. Dessa forma, ele analisa a (não) tradução de documentos de políticas de desenvolvimento econômico local, a tradução de conhecimento acadêmico agrícola para agricultores e interessados e a tradução na área da economia informal multilíngue. Nosso artigo soma a isso. Ao estudar de forma crítica os processos de tradução intrínsecos às avaliações de impacto de

"projetos de desenvolvimento nos quais várias culturas, valores e línguas se encontram" (MARAIS, 2014, p. 145), oferecemos evidências com base empírica sobre quais textos estão sendo traduzidos e as restrições que os contextos de desenvolvimento colocam sobre os tradutores e suas traduções. Refletimos sobre as limitações de nosso estudo e de nossa metodologia, abordando assim as questões epistemológicas de Marais.

5. Metodologia

Em Niamey, em janeiro de 2019, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas de uma hora com cada um dos cinco transcritores/tradutores que trabalharam com as gravações das línguas fula, tamasheq e zarma-songhai para o francês: Adamou, Ali, Bouba, Issouf e Moussa.⁸ Inicialmente, presumimos que os transcritores das gravações seriam pessoas diferentes daqueles que fariam as traduções para o francês e, portanto, preparamos perguntas paralelas para os transcritores e para os tradutores. A transcrição é uma forma de tradução intersemiótica (do oral para o escrito) amplamente utilizada em projetos de desenvolvimento, em pesquisas interculturais e de história oral, mas ainda assim é pouco estudada (TEMPLE, 2013). Por conta disso, focamos nela e buscamos analisar tanto esta tarefa como a tarefa posterior de tradução interlingual. No entanto, os transcritores e tradutores eram, na verdade, as mesmas pessoas e, portanto, as perguntas foram feitas apenas uma vez e, em suas respostas, os entrevistados muitas vezes confundiram as referências com as transcrições e as traduções, ou enfatizaram uma em detrimento da outra.

Todos os entrevistados, no momento das entrevistas, já haviam transcrito e traduzido pelo menos uma transmissão. A participação no estudo foi voluntária, mas as despesas dos participantes foram cobertas. As entrevistas semiestruturadas proporcionam uma “conversa com propósito”, e, ainda assim, garantem alguma espontaneidade, pois os entrevistadores podem adicionar perguntas conforme as respostas dadas (GALLETTA, 2012; GILLHAM, 2000; KVALE, 2007). As entrevistas foram conduzidas em francês pela Heywood, usando as mesmas perguntas e abordagens semelhantes, conforme detalhado abaixo. Tudo foi gravado em áudio, transcrito e codificado por meio da análise temática. As citações feitas aqui são as traduções da Heywood das respostas deles.⁹

Embora as entrevistas semiestruturadas possam ser percebidas como um método fácil

⁸ Todos os nomes foram alterados.

⁹ As citações do artigo em inglês foram traduções da Heywood do francês para o inglês. Já na versão em português, todas as citações foram traduzidas pela tradutora do inglês para o português. (N. da T.)

de coleta de dados (WENGRAF, 2001), elas se tornam complexas quando levamos em conta as muitas camadas sociais em jogo neste contexto. Por exemplo, assim como entrevistador, nenhum dos entrevistados afirmou ter o francês como língua materna, um claro exemplo de francês sendo usado como uma *langue de communication*, como Ali, um dos entrevistados, disse. Além disso, todos os participantes eram homens — o que não surpreende já que a sociedade de Sahel é dominada por homens, especialmente devido às desigualdades de trabalho — e foram nomeados pelo organizador do projeto — também homem — que possivelmente não tinha conhecimento sobre o desequilíbrio de gênero resultante de suas escolhas. O Studio Kalangou, de fato, emprega tradutoras mulheres, mostrando não apenas que elas existem no Níger, mas também que poderiam ter sido contratadas para esse projeto maior.

Além disso, também precisamos considerar o viés da desejabilidade social, ou, em outras palavras, a “tendência de dizer coisas que favoreçam o falante” (NEDERHOF, 1985, p. 264). Os entrevistados podem dar certas respostas para evitar avaliações negativas ou para obter aprovação do entrevistador. Isso se torna ainda mais relevante aqui visto que os tradutores estavam sendo entrevistados sobre suas práticas de trabalho por quem iria usar esse mesmo trabalho. Assim, dentro desse contexto, é importante tentar evitar esse viés. Para isso, o entrevistador fez de tudo para que os entrevistados ficassem à vontade, evitando julgamentos e permitindo que eles se expressassem de forma ampla e livre.

As perguntas de pesquisa são:

- Como os tradutores/transcritores que trabalham para ONGs em uma economia informal percebem seu papel, seu trabalho e as estratégias que utilizam?
- De que forma essas percepções se alinham com as expectativas do usuário final, conforme expresso nas instruções?
- Como expectativas diferentes podem ser superadas?

Para responder às perguntas de pesquisa, as entrevistas abordaram quatro temas: identidade do tradutor, conhecimento dos tradutores sobre os textos de partida, agência tradutória e processos de transcrição e tradução nos níveis textual e extratextual. A primeira pergunta (conte-nos sobre seu trabalho. O que você faz?) era aberta, convidando os tradutores a falarem sobre seu trabalho da forma que quisessem. A questão foi motivada pelos debates nos ET sobre a agência de tradutores que tendem a enfatizar o efeito causal do tradutor individual, geralmente por conta de sua posição política, ideológica ou narrativa (MARAIS, 2014, p. 89). Assim, através dessa pergunta, buscamos averiguar como cada tradutor falou de si, do seu trabalho e de sua própria agência. Perguntamos sobre a primeira língua dos

entrevistados e sobre seus conhecimentos e atitudes em relação às outras línguas locais e ao francês com a intenção de provocar alguma reflexão sobre as diferenças de identidade e poder levando em conta os diferentes status das línguas locais e da língua colonial. A percepção dos tradutores sobre os contextos multilíngues em que trabalham foi importante, considerando que nossas próprias percepções desses contextos são limitadas, e considerando também os papéis, status e usos dessas línguas no trabalho da Fondation Hirondele e IMS (onde as abordagens “de cima para baixo” muitas vezes pressupõem e precisam da tradução do francês para os idiomas locais, e as abordagens “de baixo para cima” pressupõem e precisam da tradução das línguas locais para o francês).

O segundo grupo de perguntas dizia respeito ao conhecimento e às perspectivas dos entrevistados sobre os textos que eles estavam transcrevendo e traduzindo. Aqui, tivemos como base a ênfase da teoria da tradução na análise do texto de partida. Essa análise é defendida pela abordagem funcionalista e a análise abrangente e sistemática do texto fonte é vista por muitos como o primeiro passo em qualquer tarefa de tradução, “uma vez que esta parece ser a única maneira de garantir que o texto de partida foi completa e corretamente compreendido” (NORD, 2005, p. 1). Além disso, os funcionalistas dizem que a análise do texto de partida “também deve fornecer uma base confiável para toda e qualquer decisão que o tradutor tomar em um determinado processo de tradução” (NORD, 2005). Embora não esperássemos que tal análise fosse realizada como uma tarefa à parte — já que, em geral, ela se torna parte integrante e até inconsciente da prática de tradutores experientes — estávamos interessados nas informações que nossos tradutores tinham (recebido) sobre os textos de origem e o quanto essas informações influenciaram sua prática, especialmente quando os públicos-alvo (ouvintes de rádio, pesquisadores) e os objetivos (informar, avaliar) eram diferentes entre o original e as traduções.

O terceiro grupo de perguntas voltou à questão da agência e convidou os entrevistados a refletirem sobre seu trabalho em termos de contextos sociais e políticos mais amplos. Analisamos seus papéis como tradutores, se eles tinham orgulho de seu trabalho, o que gostavam e o que não gostavam na tradução desses textos e se achavam que serem homens impactava seu trabalho. Também perguntamos se eles tinham orgulho de serem tradutores, pois estávamos interessados em saber como essa posição era vista por outras pessoas em sua sociedade.

O último grupo de perguntas teve foco nos processos. Perguntamos sobre as instruções dadas; as considerações práticas e materiais de seus trabalhos; seus processos cognitivos e estratégias de resolução de problemas; autoavaliação e feedback. O objetivo era reunir

evidências empíricas sobre a natureza das práticas de tradução na economia informal local, tanto para expandir o alcance dos ET, que tem se preocupado principalmente com "o componente de elite das sociedades em todo o mundo" (MARAIS 2014, p. 194), quanto para considerar os aspectos práticos da tradução em projetos de desenvolvimento, que em geral são pressupostas, pouco pesquisadas e não são documentadas.

Análise e discussão

Grupo de perguntas 1: papel e identidade do tradutor

Dois dos tradutores descreveram seus estudos e suas experiências de trabalho em detalhes. Ali disse que “supervisionou as escolas experimentais bilíngues em fula” e trabalhou “para os editores de livros escolares”, além de fazer algumas traduções freelance. Boubá é autor de vários livros em zarma, formado em jornalismo e, ele próprio, é fruto das escolas experimentais; ele reconhece que as línguas o ajudaram, permitiram que viajasse e garantiram bons empregos não apenas nos meios de comunicação, mas também em outros locais. Ele tem trabalhado muito com ONGs, traduzindo e interpretando (ele não faz a diferenciação) componentes essenciais desse trabalho. “Eu passo a mensagem”, diz repetidamente sobre seu trabalho de tradução. “É preciso encontrar a palavra certa para passar a mensagem ... Havia um projeto sobre como a mensagem deveria ser passada da pessoa A para a pessoa B. Eu traduzi tudo”. Boubá foi o único entrevistado a falar sobre tradução com esse sentido de propósito, para informar e comunicar: “você não deve se perguntar o que está sendo dito a eles, mas o que eles entendem, para, então, fazer a mudança”. Já os demais participantes descreveram a tradução em termos puramente mecânicos (por exemplo: “eu faço traduções e transcrições”, disse Moussa) referindo-se a contratos, a direcionalidade do idioma, a necessidade de concentração e ao tempo que leva. Nenhum deles mencionou algum tipo de treinamento em transcrição ou tradução.

No entanto, as perguntas seguintes sobre os processos durante as tarefas mostraram que os entrevistados diferenciam claramente o trabalho de transcrição e tradução. A transcrição exige exatidão, enquanto a tradução exige diferentes estratégias e decisões. Eles relataram que transcrição “significa reproduzir exatamente o que o entrevistado disse” (Ali); “sem resumos ... escrevo palavra por palavra o que é dito e me mantenho fiel a isso” (Moussa); “escrevo o que ouço” (Adamou); “cada palavra que foi dita no áudio, ouvi e transcrevi. Inclusive as repetições” (Issouf). Já na tradução, eles sentem que podem e até mesmo devem fazer mudanças no texto: “a tradução palavra por palavra não é fiel ao original” (Boubá); Adamou “frequentemente adiciona coisas” para maior clareza; já Moussa

resume porque “no tamasheq, as frases são enormes, em francês não é possível colocar essas repetições. Eu resumo [e] deixo em uma única frase”. Ele também “explica o que o áudio está dizendo”, já que sua função é “passar a mensagem”.

Ainda assim, essa aparente dicotomia entre transcrição e tradução não é tão clara, e os tradutores divergem sobre como eles tomam decisões durante a transcrição. Ali disse que acrescentou esclarecimentos entre colchetes se os falantes “engoliram suas palavras”; Adamou disse que omitiu repetições ou o que considera supérfluo: “algumas palavras não têm nenhum significado na língua local, então eu as ignoro. Se não significam nada, não são incluídas”. Quando questionados sobre pausas, interrupções, risos ou outros sons, apenas Issouf disse que indicava o riso, com “hahahaha” ou pontos de exclamação; já Moussa disse: “eu não consigo mostrar. Como faço para escrever isso [ele bate palmas]? Também não indico risos. Apenas transcrevo as palavras”. A respeito do gênero dos falantes, percebemos que apenas às vezes ele era indicado (Ali: “os nomes mostram isso”; Bouba: “coloquei a participante para mostrar que é uma mulher”¹⁰), mas nem sempre; e a natureza multilingue e multidialetal dos grupos de escuta foi reduzida ou removida das traduções. “Ela fala em zarma”, disse Moussa sobre uma das vozes nas gravações. “Ela entende tamasheq, mas não fala. Todo mundo entende o que ela está dizendo também. ... Transcrevi o que ela disse em zarma, depois traduzi para o francês”.

Essas teorizações superficiais sobre transcrição e tradução mostram como ambos os processos são mais complicados e contraditórios do que se pensa geralmente. Pelas respostas, parece que eles receberam poucas instruções sobre o que deveriam fazer: “não recebi instruções. Ouça, transcreva, traduza. Só isso” (Ali); “as instruções foram apenas para fazer a transcrição e tradução. Coube a mim escolher a metodologia” (Moussa); “na verdade, me disseram para escrever o conteúdo e não perder o significado, ouvir o áudio e escrever o que foi dito sem modificar o conteúdo. O conteúdo é o importante” (Issouf). Essas respostas também sugerem que se presume que todos os envolvidos — usuários finais, intermediários e tradutores — entendem da mesma forma o que se quer dizer com transcrição e tradução e o que é exigido de cada tarefa.

O viés da desejabilidade social também pode ser um fator relevante. Conforme observado abaixo, eles raramente recebem feedback e, ao que parece, a primeira vez que conversaram com alguém sobre seus trabalhos de forma detalhada foi durante as entrevistas. Como uma forma esperada de defesa de suas produções, eles falaram repetidamente sobre

¹⁰ Em inglês: “I put *participante* to show it’s a woman” (grifo nosso). No francês, língua em que se deu a entrevista, a terminação “-e” indica o gênero feminino. (N. da T.)

transcrever tudo o que ouvem e sobre transmitir a “mensagem” e os “conteúdos” na tradução. Assim, eles têm esses pressupostos como base para sua defesa e a falta de instruções diminui a responsabilidade e os protege contra possíveis críticas. A insistência em falar sobre a exatidão e a transferência da mensagem começou a diminuir quando foram questionados sobre detalhes dos processos textuais e sobre as decisões que tomam, o que indica que há uma inadequação nessas suposições e instruções. Lidar com essas inadequações constitui uma parte importante de nossas recomendações e será discutido a adiante.

O papel e a agência do tradutor foram estudados no terceiro grupo de perguntas, mas a importância da linguagem em como os tradutores falavam sobre si mesmos e sobre seu trabalho apareceu bastante nas respostas iniciais. Isso foi expresso de forma clara, até mesmo apaixonada, quando pedimos aos tradutores que falassem sobre sua língua nativa e o significado dela para eles. Para Ali, fula é sua “raison d’être [razão de ser]”: “a fula tem que existir porque fula ... é uma tradição. Se todos entendessem a tradição e os costumes e se comportassem [de acordo], não haveria guerras. Ninguém acreditaria ser melhor que os outros. É por isso que quero que a fula viva e exista”. Adamou disse “eu sou songhai. Eu uso a língua para pesquisa, para trabalho, como uma ferramenta, mas, pra mim, é mais especial que isso. Ma langue est mon tout [Minha língua é meu tudo]”. Issouf disse: “você viu as tribos do povo zarma que dançam? Bem, somos nós. Songhai de verdade. Eu sou um verdadeiro songhai”.

Por outro lado, outras línguas consideradas úteis pelos cinco tradutores multilíngues são usadas “para trabalho, ou com amigos que não falam tamasheq” (Moussa), “apenas para me comunicar” (Ali), ou por necessidade: “aprendi hauçá porque eu precisava ...” (Issouf). O francês foi descrito como uma língua cultural, de comunicação e como a língua da educação, e todos falaram muito sobre as diferenças gramaticais, sintáticas e lexicais entre o francês e sua língua, o que representa desafios para eles como tradutores. A identidade e qualquer senso de agência, em termos de política individual ou motivação social, estão ligados à competência linguística, e não à tradução.

Grupo de perguntas 2: textos fonte

Todos os tradutores entenderam o significado do gênero dos textos. Eles também sabiam que se tratava de programas comunitários de rádio com ampla audiência. Dois dos tradutores entenderam nossa pergunta sobre o propósito do texto fonte (“para quem são os textos?”) como sendo sobre o propósito do texto alvo. Para Issouf, isso era importante: “eu entendo que é um estudo (que está) sendo feito por pesquisadores e reservei o tempo

necessário para transcrever corretamente as informações”; já para Moussa não foi assim: “não tenho detalhes. Apenas fui contatado alguns dias antes, disseram: tenho um trabalho para você, preciso de alguém que fale tamasheq e traduza para o francês”.

Abordamos o texto fonte motivadas pelos debates nos ET sobre os efeitos que a tradução de material traumático tem em tradutores ou intérpretes (ELIAS-BURSAĆ; ASKEW, 2018). Queríamos saber se foi difícil ou angustiante, se os afetou pessoal ou emocionalmente. Nosso interesse era entender até que ponto a tradução de material relacionado a conflitos violentos em andamento afetou tradutores que são membros dessas comunidades sujeitas à violência.

Qualquer efeito parece ter sido mínimo. As respostas mostraram indiferença — “é apenas um trabalho” (Issouf); “tive que traduzir coisas que não me interessam muito ... sou pago para traduzir, então traduzo” (Ali) — e profissionalismo: “eu traduzo muito sobre conflitos, cortes [mutilação genital feminina], mortes. ... Isso me afeta, mas eu sei que tenho um trabalho a fazer para ajudar os outros” (Bouba) — o que Moussa expressou em termos de lealdade ao contratante e ao texto fonte: “obviamente, isso me afeta. Eu sou humano. Mas seja qual for o assunto, eu traduzo. Não posso trair a pessoa que me contratou. Pode me chocar. Mas eu não mudo as coisas. Se houver palavras, eu traduzo”.

Curiosamente, as questões levantadas a respeito dos textos fonte, não foram sobre angústias pessoais, mas sim sobre sensibilidades sociais. Embora a transcrição seja considerada inviolável, notou-se que as próprias transmissões originais foram amenizadas: “está na rádio, então eles precisam ter cuidado e respeito. As palavras usadas para estupro já são cuidadosamente escolhidas. ... É uma questão de cultura. Já verificaram o material” (Bouba). A transcrição não poderia mudar nada: “você tem que colocar o conteúdo como está ... Se é um assunto delicado, você não pode encobrir o problema” (Issouf). Dois tradutores, no entanto, falaram sobre a necessidade de se ajustar às sensibilidades locais. Para Bouba, que trabalha como “jornalista de conflito”, a tradução pode ser usada para amenizar a violência de um idioma para que fique mais sensível para uma região que sofre com conflitos violentos, mesmo que ele reconheça a importância de usar uma linguagem poderosa. Ele diz: “fomos ensinados que algumas coisas não devem ser feitas. Você não pode dizer algo como ‘ele foi morto, teve sua garganta cortada’. Existe um jeito melhor de dizer isso. ... Nas traduções, os idiomas variam. Prefiro usar palavras menos chocantes”.

Adamou relatou que os problemas com questões sensíveis se tornam ainda maiores durante a interpretação.

Se a tradução for apenas no papel, tudo bem, mesmo que o assunto seja tabu. Não tem a mesma pressão de quando precisa dizer isso em público. É aí que surgem os problemas. Uma vez eu estava traduzindo em público e alguém perguntou sobre órgãos sexuais masculinos ou femininos e, na verdade, falar isso em público. ... Para começar, usamos palavras mais genéricas, mas os especialistas nos disseram para sermos claros e usar as palavras específicas.

O interessante é que o tradutor se sente obrigado a respeitar as questões que são sensíveis para público local, ao invés das que possam ser sensíveis para as ONGs. Sendo eles próprios membros dessas comunidades, os intérpretes que estão fisicamente presentes durante o evento interpretativo sentem a divergência entre as expectativas locais e das ONGs. Estes intérpretes também têm dificuldade de fazer o mesmo que os tradutores de textos escritos que são (relativamente) anônimos ao amenizar sensibilidades ou não mudar nada, como descrito acima.

Grupo de perguntas 3: agência tradutória

O terceiro grupo de perguntas retornou à agência. O orgulho pelo trabalho e pelo papel que exercem foi expresso em termos de precisão e profissionalismo: “sim [tenho orgulho do meu trabalho], porque sei que trabalhei muito” (Issouf); “muito orgulhoso. Após corrigir e garantir que está tudo em ordem e que está tudo certo” (Moussa). Ali, que já havia falado sobre seu orgulho pela língua fula, expressou orgulho pelo seu trabalho de tradução referindo-se ao seu idioma: “estou orgulhoso do meu trabalho com a fula, divulgo a língua para que o mundo possa entender, para que as pessoas possam entender que a fula é uma língua rica e sutil e que precisa ser aprendida”.

Nenhum deles acredita que ser homem possa impactar seu trabalho como tradutor. “Nenhum impacto”, disse Moussa, “mesmo que uma mulher entenda melhor que eu como é parir, ela ainda teria que traduzir o que está escrito. Estamos aqui para traduzir, não para opinar”. As respostas de Ali e Issouf convergem, mas ambos falaram sobre a importância do trabalho para a mudança social: “eu sei que alguns assuntos são tabus na sociedade, mas a menos que a gente fale sobre eles, eles vão continuar sendo tabus”, disse Ali. “As pessoas precisam entender e enfrentar os tabus. Mas o difícil é fazer com que assuntos assim sejam discutidos em casa”. Ioussef disse:

... Eu me preparo psicologicamente porque algumas coisas são chocantes. Eu dou workshop sobre assuntos sensíveis, por exemplo, como lidar com gravidez, parto. ... As pessoas confundem religião e cultura, então acham que algo é tabu. Mas se você explicar, eles entenderão. Por exemplo, uma

menina de 15 ou 16 anos, se você disser a ela que se ela dormir com um homem, ela ficará grávida, ela saberá. Mas se você não contar a ela, ou não falar sobre como se proteger, como ela vai saber? Como ela irá se proteger? As pessoas pensam que é um tabu, mas só falam sobre isso quando são pegas. Eles dizem que é a vontade de Deus, mas isso é utópico.

A parcialidade inconsciente de Issouf (que afirmou que ser homem não impacta seu trabalho) aparece em seu relato, que se dá de um ponto de vista masculino. Ele não comenta sobre o papel dos homens neste cenário; e a responsabilidade recai sobre a menina em ser informada e saber como se proteger. Não há reflexões sobre a inserção dos tradutores na sociedade em que trabalham, como vimos acima quando dizem repetitivamente que não são afetados pelo conteúdo dos áudios.

No entanto, também houve evidências de que não é sempre assim, e três tradutores comentaram sobre os aspectos positivos do trabalho:

— Agora sinto que as mulheres podem servir a sociedade e a comunidade tanto quanto os homens. É por isso que estou adorando ouvir sobre o meio rural e essa mudança... aprendo coisas porque antes de ouvir o áudio. Isso me transformou. (Ali)

— Não tenho nenhum problema com o assunto. É interessante especialmente por conta das mulheres e do seu empoderamento. (Adamou)

— Gosto de temas que me afetam. Por exemplo, uma mulher disse, "não sabia que os barcos que transportavam migrantes tinham mulheres também". Aprendi com os áudios. (Bouba)

O trabalho da rádio também está alcançando os tradutores, suas famílias e amigos.

Grupo de perguntas 4: processos de transcrição e tradução

O quarto grupo de perguntas focou os ambientes físicos em que eles trabalharam, as redes de pessoas e os objetos que os tradutores criaram para seu trabalho. O objetivo era adicionar de forma empírica à imagem (e às teorias) que temos da tradução e analisar processos e redes que são invisíveis ou apenas tomados como certos sempre que a tradução é encomendada por ONGs.

Todos os tradutores usaram computadores — Ali mencionou um “software para as letras específicas das línguas locais” — no entanto, Adamou usa papel e caneta, porque, segundo ele, ele não é rápido com computadores. Assim, ele transcreve e traduz à mão e depois trabalha com outra pessoa “para digitar. Então, trabalhamos em dupla”. Issouf afirma que mantém “duas janelas abertas no computador, uma com o áudio e outra com a transcrição”, e alterna entre elas, mas ainda escreve no papel e depois digita: “caso contrário,

se for digitar primeiro, você pode cometer erros que alteram o significado”. Escrever à mão aumenta consideravelmente o tempo de trabalho; os tradutores disseram que reformulam e releem, e que checar e transcrever são tarefas especialmente demoradas. Adamou disse que ouve o áudio várias vezes antes de começar: “este trabalho não é fácil, é muito chato. Porque você precisa parar toda hora e depois retomar. Demora muito”. Todos os tradutores falaram sobre as longas horas, a necessidade de concentração, o trabalho em casa, à noite e nos fins de semana: “o trabalho é infernal”, disse Ali. “O assunto é bom, mas o trabalho é estressante”.

Nenhum deles falou sobre ferramentas de auxílio, como software de reconhecimento de voz ou de transcrição, que são comuns para a maioria dos freelancers de países desenvolvidos. A falta de dicionários preocupava; havia alguns disponíveis em zarma-songhai, mas nenhum em tamasheq; Ali falou sobre construir seu próprio dicionário em fula, especialmente para palavras emprestadas, sobre as quais ele consulta um grupo local de colegas que trabalham com línguas locais.

A prática de colaboração parece ser comum. Além do exemplo de Adamou, que trabalha com um digitador, outros tradutores disseram que consultam colegas; “eu confiro com outras pessoas sobre certas palavras. Existem diferenças regionais ... especialmente quando é algo científico. Pergunto aos colegas como eles diriam algo na língua local. Estamos acostumados a trabalhar juntos” (Moussa). Esse trabalho colaborativo difere consideravelmente da maneira como se teoriza a tradução, como uma prática muito individual, e essa colaboração repercute em questões como prazo, pagamento e confidencialidade, que ainda não foram discutidas.

Em contraste com esse trabalho colaborativo, aparentemente o feedback que eles receberam era muito curto, no entanto, há contradições, provavelmente porque a pergunta era muito aberta. Os feedbacks parecem conter algum tipo de crítica ou desaprovação: “eu não recebo comentários. E não encontrei dificuldades” (Moussa); “eu não recebo feedback — nem bom nem ruim. Portanto, acredito que esteja bom” (Adamou); “se você não respeitar as instruções, terá um feedback e a confiança entre você e o cliente poderá se perder” (Issouf).

Os tradutores são igualmente reticentes em fazer perguntas a quem encomendou a tradução: “não faço perguntas, só para a pessoa que me pediu para fazer o trabalho” (Moussa); “mesmo que eles façam perguntas, raramente é algum tipo de negociação. Assim, no início, perguntei se deveria transcrever palavra por palavra ou do meu jeito, e ele disse que deveria escrever o que ouço, e foi o que fiz” (Adamou). Já que não recebem qualquer feedback técnico ou construtivo, a responsabilidade e o orgulho pelo trabalho são questões muito individuais. “Sei que está tudo bem, pois respeitei o original e transcrevi palavra por

palavra. Não adicionei nem deixei nada de fora” (Moussa).

Conclusões e Recomendações

Este artigo traz exemplos e experiências reais de tradutores de um projeto no Níger. Embora o foco seja os processos de transcrição e tradução interlingual (essenciais para a avaliação de impacto de um projeto maior) explicitando os processos textuais e extratextuais envolvidos, juntamente com as percepções dos tradutores sobre esses processos, o artigo também se faz relevante para os estudos de desenvolvimento e outras áreas do desenvolvimento de forma mais ampla (HEYWOOD, 2019). Embora o número de tradutores seja pequeno, as entrevistas foram extensas e forneceram uma nova percepção a respeito do que os tradutores e os usuários finais das traduções pensam sobre a tradução e a transcrição. Assim, forneceremos recomendações relevantes para os estudos de desenvolvimento e de tradução sobre como as atitudes e abordagens podem ser melhor articuladas levando em conta os contextos reais e gerenciando as expectativas dos envolvidos.

Este estudo de caso mostra a economia informal na qual muitos pesquisadores, ONGs e tradutores operam. Ele expõe o gritante contraste em relação à tradução e pesquisa formais e já muito estudadas do norte global, onde tudo é digitalizado, possui suporte tecnológico e recursos relativamente abundantes, e onde se assume que isso se aplica também a outros setores e outros países. O estudo também destaca o domínio masculino e a natureza multilíngue desta economia informal. Os entrevistados, eles próprios multilíngues, vivendo em sociedades multilíngues com tradições orais nas quais a tradução é uma característica permanente e cotidiana, falaram sobre os seus papéis e identidades em termos de proficiência linguística em vez de competência tradutória. Diferentemente do que ocorre no norte, nesta economia não existe o papel do tradutor profissional e os entrevistados também não mencionaram qualquer tipo de treinamento específico para tradutores.

Consequentemente, as teorias por trás das práticas de transcrição e de tradução divergiam e seus entendimentos sobre as tarefas eram bastante diferentes. Durante as entrevistas, os entrevistados contradisseram eles mesmos e os outros a respeito das estratégias de tradução, práticas e ética de trabalho. A maioria não tinha muitas certezas sobre o propósito da tarefa, a natureza do TP ou sobre o público-alvo da tradução, e adotaram sua própria metodologia improvisando conforme necessário para diminuir problemas por falta de ferramentas, conhecimento ou habilidades. Essa falta de certezas se agravou com a suposição errônea dos pesquisadores de que os participantes, tendo trabalhado na área por algum tempo sob o título de “tradutores”, saberiam qual tarefa deveria ser desenvolvida e que isso

coincidiria com a visão dos próprios pesquisadores. Uma cadeia falha de suposições intensificada pela existência de um intermediário.

Essa falta de informações aparece diversas vezes ao longo do artigo. Os tradutores não sabem exatamente o que devem fazer ou como devem fazer, e os pesquisadores não sabem o que perguntar para receberem as transcrições e traduções que precisam. O feedback dos usuários finais para os tradutores, que pode fazer com que estes se sintam suficientemente envolvidos e empoderados para fazer perguntas, não é oferecido nem solicitado. Embora formular instruções claras, detalhadas, ou até negociadas entre as partes, possa parecer demorado, também pode evitar a necessidade de refazer o trabalho quando as traduções iniciais não são adequadas para o objetivo de pesquisa. Neste projeto, por exemplo, o gênero dos locutores nas transmissões não foi indicado em algumas transcrições e traduções, fazendo com que o material inicial não tivesse utilidade para uma pesquisa baseada em gênero. Sem *feedback*, melhorias nas situações *ad-hoc* e não sistematizadas permanecem limitadas.

Portanto, o papel essencial da tradução no trabalho e na pesquisa de desenvolvimento intercultural deve ser reconhecido; dar importância secundária à língua apenas contribui para a diminuição do rigor do processo de pesquisa. No entanto, frequentemente se enfatiza a produção ou os dados finais, enquanto os processos de conversão dos textos de um meio para outro (oral para escrito) e de uma língua (ou várias) para outra são marginalizados — mesmo que a pesquisa/projeto de desenvolvimento dependa fortemente disso. No entanto, também é preciso reconhecer que os diferentes poderes e o viés da desejabilidade social fazem com que o papel desempenhado pela tradução seja ainda mais complexo. Embora os pesquisadores (usuários finais da tradução), com laptops, gravadores, orçamento e educação, tenham algum poder, é claro que os tradutores também o têm; afinal, são eles que conhecem a língua e podem produzir qualquer forma ou padrão de trabalho que desejarem, pois verificar ou revisar está além das capacidades dos pesquisadores. Comunicar-se considerando essas relações de poder e promovendo o respeito mútuo e os objetivos comuns está longe de ser fácil. No entanto, temos algumas recomendações, a todos os envolvidos, que visam reduzir mal-entendidos e gerenciar as expectativas.

- Uma das recomendações do *The Listening Zone* para ONGs internacionais é que se “pense na língua ainda na fase de construção de um projeto” (FOOTITT, CRACK; TESSEUR, 2018, p. 8). Acrescentamos a isso a necessidade de reconhecimento, por parte dos pesquisadores, do papel essencial da língua e da tradução em projetos de desenvolvimento. A língua e a tradução ficam como secundárias às principais questões de pesquisa, ao invés de serem integrantes do processo. A tradução deve ser incluída

ainda na construção do projeto, não de forma tardia.

- Incorpore nas etapas de construção do projeto a seleção de tradutores e tenha redes de contatos para trabalhos futuros. O *Listening Zone* recomenda que as ONGs “procurem estabelecer um registro dos tradutores e intérpretes que trabalharam e que têm uma compreensão do projeto” (FOOTITT, CRACK; TESSEUR, 2018, p. 8), ao qual adicionamos a necessidade de considerar ativamente não apenas especializações, mas também o uso da mão de obra feminina local, especialmente em economias informais dominadas por homens que podem não apresentar muitas oportunidades para mulheres.
- Reserve tempo para conhecer as pessoas e os processos de tradução. Saiba mais sobre o treinamento, a experiência e os pressupostos teóricos dos tradutores; conheça suas condições, limitações e recursos disponíveis, saiba também sobre os contextos culturais sob os quais a tradução é produzida.
 - Assegure condições adequadas para estimular um ótimo trabalho. Considere pagar por palavra, em vez de por trabalho ou forneça um escritório e equipamentos.
 - Na falta de dicionários ou de memórias de tradução, construir um glossário compartilhado é de grande ajuda para projetos que têm várias etapas, já que pode ser compartilhado com os envolvidos em cada uma das fases. O *Listening Zone* recomenda “produzir glossários de palavras-chave” (FOOTITT, CRACK; TESSEUR, 2018, p. 8), acrescentamos que deve-se incluir não apenas os termos, mas também as frases mais utilizadas no contexto discursivo do projeto.
- Garanta feedbacks claros e efetivos.
 - Em primeiro lugar, os pesquisadores devem conseguir perguntar e explicar claramente quais informações desejam do material de partida e para que o utilizarão.
 - Em segundo lugar, dê instruções claras aos tradutores. Converse sobre as características linguísticas, objetivos e público-alvo dos textos de partida; explique a finalidade e o público dos textos de chegada; e discuta quais métodos e estratégias de tradução serão melhores para seus objetivos de pesquisa. A oralidade, por exemplo, pode ser um traço importante, neste caso, características da oralidade precisarão ser destacadas. Forneça instruções escritas, explicações e exemplos, aos quais o tradutor poderá consultar,

especialmente se depender de um intermediário.

- Em terceiro lugar, tenha canais de comunicação que permitam que os tradutores façam perguntas e que o feedback construtivo seja compartilhado por ambas as partes.

Referências

BERLAND, Jody. Radio space and industrial time: music formats, local narratives and technological mediation. **Popular Music**, [s. l], v. 9, n. 2, p. 179-192, 1990. Cambridge University Press (CUP).

BORNAND, Sandra. **Parlons Zarma**: une langue du Niger. Paris: Editions L'harmattan, 2006.

BREEDVELD, Johanna O. Fulfulde. In: BROWN, Keith; OLGILVIE, Sarah (ed.). **Concise Encyclopaedia of Languages of the World**. Oxford: Elsevier, 2009. p. 430-433.

CHIGNELL, Hugh. **Key Concepts in Radio Studies**. London: Sage, 2009.

CORNWALL, Andrea; EADE, Deborah (ed.). **Deconstructing Development Discourse**: buzzwords and fuzzwords. Rugby: Practical Action Publishing, 2010.

CRACK, Angela M. Language, NGOs and inclusion: the donor perspective. **Development In Practice**, [s. l], v. 29, n. 2, p. 159-169, 2018.

DELGADO LUNCHNER, Carmen. Contact Zones of the Aid Chain. **Translation Spaces**, [s. l], v. 7, n. 1, p. 44-64, 2018.

DELGADO LUNCHNER, Carmen; KHERBICHE, Leila. Without Fear or Favour? The Positionality of ICRC and UNHCR Interpreters in the Humanitarian Field. **Target**, [s. l], v. 30, n. 3, p. 408-429, 2018.

ELIAS-BURSAĆ, Ellen; ASKEW, Louise. Translation and International Justice. In: FERNÁNDEZ, Fruela; EVANS, Jonathan (ed.). **The Routledge Handbook of Translation and Politics**. London: Routledge, 2018. p. 177-192.

FEDERICI, Federico M.; GERBER, Brian J.; O'BRIEN, Sharon; CADWELL, Patrick. **The International Humanitarian Sector and Language Translation in Crisis Situations**. London: Interact: The International Network On Crisis Translation, 2019.

FLEMING, Carole. **The Radio Handbook**. 2. ed. London: Routledge, 2002.

FLORO, Maria s; KOMATSU, Hitomi. Gender and Work in South Africa: what can timeuse data reveal?. **Feminist Economics**, [s. l], v. 17, n. 4, p. 33-66, 2011.

FOOTITT, Hilary. International Aid and Development: Hearing Multilingualism, Learning From Intercultural Encounters in the History of OxfamGB. **Language and Intercultural Communication**. [s. l.] v. 17, n. 4, p. 518–533, 2017.

FOOTITT, Hilary; CRACK, Angela; TESSEUR, Wine. **Respecting Communities in International Development: Languages and Cultural Understanding**. Relatório final do The Listening Zones of NGOs, 2018. http://www.reading.ac.uk/web/files/modern-languages-and-european-studies/Listening_zones_report_-EN.pdf

GALLETTA, Anne. **Mastering the Semi-Structured Interview and Beyond: from research design to analysis and publication**. New York: New York University Press, 2013.

GILHAM, Bill. **The Research Interview**. London: Continuum, 2000.

GIRARD, Bruce. **Empowering Radio: good practices in development & operation of community radio: issues important to its effectiveness**. [s. l.]: World Bank Institute (Wbist), 2007. Relatório final preparado por Bruce Girard, Fundación Comunica. Disponível em: http://comunica.org/pubs/cr5cs_and_country_reports.pdf.

HAMANI, Abdou. **De L'oralité à L'écriture: le Zarma S'écrit Aussi**. Niamey: Indrap, 1982.

HEATH, Jeffrey. **A Grammar of Tamashek (Tuareg of Mali)**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

HEYWOOD, Emma. Increasing female participation in municipal elections via the use of local radio in conflict-affected settings: the case of the west bank municipal elections 2017. **Journalism**, [s. l.], p. 1-18, 2018. SAGE Publications. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1464884918820752>.

HEYWOOD, Emma. **Assessment of Studio Kalangou's Impact on Women's Rights and Empowerment in Niger**. [s. l.], 2019. Relatório. Disponível em: <https://www.femempowermentafrique.com/publications>. Acesso em: 12 dez. 2019.

HEYWOOD, Emma; TOMLINSON, Maria. The contribution of citizen views to understanding women's empowerment as a process of change: the case of Niger. **Feminist Media Studies**, [s. l.], v. 20, n. 5, p. 713-729, 2019. Informa UK Limited. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/14680777.2019.1642230>.

IDA, Ibrahima Ousmane. **L'alphabétisation au Niger: une analyse à partir des données du recensement de 2012**. Québec: ODSEF (Observatoire démographique et statistique de l'espace francophone), 2015. Disponível em: https://liseo.ciep.fr/index.php?lvl=notice_display&id=39870. Acesso em: 3 nov 2019.

ILO. **Informality and Non-Standard Forms of Employment**. Buenos Aires: International Labour Organisation, 2018. Preparado para a reunião do Employment Working Group do G20. Disponível em: https://ilo.userservices.exlibrisgroup.com/view/delivery/41ILO_INST/1255489780002676. Acesso em: mar. 2019.

IMS. **Sahel**, [s. l.]: IMS, [20--]. Disponível em: https://www.mediasupport.org/wp-content/uploads/2016/05/Sahel_one-pager_nov-2018.pdf.

JALLOV, Birgitte. **Empowerment Radio**: voices building a community. New York: Empowerhouse, 2011.

KVALE, Steinar. **Doing Interviews**. Los Angeles: Sage, 2007.

LEVITT, Peggy; MERRY, Sally. Vernacularization on the Ground: Local Uses of Global Women's Rights in Peru, China, India and the United States. **Global Networks**, [s. l], v. 9, n. 4, p. 441–461, 2009.

LEVITT, Peggy; MERRY, Sally. Making Women's Human Rights in the Vernacular: navigating the culture/rights divide. In: HODGSON, Dorothy (ed.). **Gender and Culture and the Limit of Rights**. Philadelphia: University Of Pennsylvania Press, 2011. p. 81-100.

LEWIS, David; MOSSE, David. **Development Brokers and Translators**: the ethnography of aid and agencies. Bloomfield: Kumarian Press, 2006.

MACLEAN, Kate. Translation in Cross-Cultural Research: An Example From Bolivia. **Development in Practice**, v. 17, n. 6, p. 784–790, 2007.

MARAIS, Kobus. **Translation Theory and Development Studies**: a complexity theory approach. London: Routledge, 2014.

MCLAUGHLIN, Fiona. Linguistic Warscapes of Northern Mali. **Linguistic Landscape**, v. 1, n. 3, p. 213–242, 2015.

MERRY, Sally. **Human Rights and Gender Violence**: Translating international law into local justice. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

NEDERHOF, Anton. Methods of Coping with Social Desirability Bias: A Review. **European Journal of Social Psychology**, v. 15, n. 3, p. 263–280, 1985.

NORD, Christiane. **Text Analysis in Translation**. Amsterdam: Rodopi, 2005.

OIF (Organisation Internationale de la Francophonie). **La Langue Française Dans le Monde**. Paris: Gallimard, 2019

ØSTEBØ, Marit Tolo. Translations of Gender Equality among Rural Arsi Oromo in Ethiopia. **Development and Change**, v. 46, n. 3, p. 442–463, 2015.

PANIS, Caroline. Processus de Géographisation Linguistique et Identifications Multiples au Burkina Faso. **Langage et Société**, v. 1, n. 159, p. 117–138, 2017.

POWELL, Mike. Which Knowledge? Whose Reality? an overview of knowledge used in the development sector. **Development in Practice**, v. 16, n. 6, p. 518–532, 2006.

SAVE THE CHILDREN. **Annual Report 2015**, 2016. Disponível em:

<https://niger.savethechildren.net/sites/niger.savethechildren.net/files/Annual%20report%202015%20Web.pdf>

SKATTUM, Ingse. Mali: in defence of cultural and linguistic pluralism. In: SIMPSON, Andrew (ed.). **Language and National Identity in Africa**. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 98-122.

TEMPLE, Bogusia. Casting a Wider Net: reflecting on translation in oral history. **Oral History**, v. 41, n. 2, p. 100–109, 2013.

TEMPLE, Bogusia; EDWARDS, Rosalind. Interpreters/Translators and Cross-Language Research: reflexivity and border crossings. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 1, n. 2, p. 1–12, 2002.

TESSEUR, Wine. Incorporating Translation into Sociolinguistic Research: translation policy in an international non-governmental organisation. **Journal of Sociolinguistics**, v. 21, n. 5, p. 629– 649, 2017.

TESSEUR, Wine. Researching Translation and Interpreting in non-Governmental Organisations. **Translation Spaces**, v. 7, n. 1, p. 1–19, 2018.

THOMSON REUTERS FOUNDATION. **Niger: the law and FGM**. London: 28TooMany, 2018.

UNFPA. **Marrying Too Young: end child marriage**. New York: United Nations Population Fund, 2012. Disponível em: <https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/MarryingTooYoung.pdf>.

UNNITHAN, Maya; HEITMEYER, Carolyn. Challenges in ‘Translating’ Human Rights: perceptions and practices of civil society actors in Western India. **Development and Change**, v. 45, n. 6, p. 1361–1384, 2014.

WENGRAF, Tom. **Qualitative Research Interviewing: biographic narrative and semi-structured methods**. London: Sage, 2001.

WRIGHT, Kate. Helping Our Beneficiaries Tell Their Own Stories’: international aid agencies and the politics of voice within news production. **Global Media and Communication**, v. 14, n. 1, p. 85–102, 2018.